

## OSEIAS 8,1-14

Paulo Portellada

### **Resumo**

*O artigo discorre sobre a perícopre 8,1-14 do livro de Oseias e tem por característica seguir a estrutura de um processo judicial. Precisamos, entretanto, antes atestar que o livro de Oseias é o primeiro livro que apresenta Iahweh como o amante de Israel, teologia que vai marcar a teologia judaica e que será também significativa para o cristianismo. Sua contundente crítica às práticas idolátricas o faz referência para o pensar da sociedade da época. Não se contentava com formalismos e denuncia as traições da aliança (tal e qual um matrimônio), afirmando que uma tragédia estava por vir. Denuncia o culto idolátrico, a injustiça, o esmagar do direito, o uso de violência, mas o eixo de seu pensar é a aposta no amor e na misericórdia divina. Traz consigo a certeza do amor desmedido de Deus e seu chamado ao cumprimento da Aliança.*

**Palavras-chave:** Aliança. Injustiça. Opressão. Idolatria. Ética.

### **Abstract**

*The article discusses the passage 8.1-14 of the book of Hosea and has the characteristic of following the structure of a judicial process. We need, however before to certifying that the book of Hosea is the first book that presents Iahweh as the lover of Israel, theology that will mark the Jewish theology and that is also significant for Christianity. His scathing criticism of the practices idolatry makes reference to the thinking of the society of the time. Not content itself with formalism and denounces the betrayals of the covenant (like a marriage), stating that a tragedy was about to come. Complaint the idolatrous cult, the injustice, the crush of the law, the use of violence, but the axis of its thinking is the bet on love and divine mercy. It brings with it the certainty of the boundless love of God and his call to the compliance with the covenant.*

**Keywords:** Alliance. Injustice. Oppression. Idolatry. Ethics.

## Introdução

Trata-se de um livro dos mais complexos e difíceis da Bíblia, com expressões tiradas certamente da linguagem usada no Reino do Norte, ainda que o texto tenha sido provavelmente compilado em Judá. A dificuldade encontrada na leitura e tradução do texto não se deu, entretanto, por conta de ter sido encontrado fragmentado, pois os textos encontrados em Qumran coincidem com as versões gregas quase que plenamente (Ausin, 2007, p. 471). Não há, tampouco, grandes variações entre o texto da *Septuaginta* e o texto massorético.

O texto é fortemente anti-idolátrico, com característica de um processo jurídico de condenação, mas repleto de imagens e evocações poéticas, que acabam de lhe proporcionar beleza, veemência e um olhar cáustico e agudo.

Interessante notar que o texto começa e se instaura a partir da personificação no próprio Oseias do caminhar do Senhor com seu povo, dos desígnios e do modo de agir dele.

Vale dizer que é o primeiro livro que apresenta Iahweh como o amante de Israel, teologia que vai marcar a teologia judaica e que será também significativa para o cristianismo.

Dios llamó a Oseas para advertir en su nombre a un pueblo idólatra y materializado, y le pidió hablar, no sólo el lenguaje del Dios Sabaot, Señor de Israel, sino también el del esposo traicionado. Esto era una gran novedad. Un siglo después los profetas posteriores, Jeremías, el Segundo Isaías, Ezequiel iban a retomar esta proclamación. Una nueva visión de la alianza, unión y comunión de Dios con la humanidad, saldría de ahí, pasando a ser uno de los rasgos más decisivos de la fe judía, y luego, cristiana.

Para tal mensaje, no era suficiente que el profeta supiera expresar con figuras humanas la forma divina de mirar a los hombres. La profecía autentica no es cuestión de palabras o literatura; era necesario que el profeta hubiese experimentado en carne propia lo que Dios siente y vive, en cierto sentido, tan realmente como nosotros. El primer profeta del Dios-amante fue un profeta engañado por su esposa, a la que, a pesar de sus infidelidades, no dejó de amar (LA BÍBLIA, 2005, p. 1017).

Oseias, assim como Amós, denunciou as traições da Aliança, tal e qual num matrimônio, e anunciou que a tragédia aconteceria.

Segundo a Nova Bíblia Pastoral, o livro “é formado por textos de vários períodos históricos, e o leitor deve estar atento para perceber os contextos literários e socioeconômicos” (2014, p. 1111). Esta tradução bíblica considera que a redação deste texto foi forjada em três etapas:

1. Entre os anos 750 e 724 aC. Época da profecia no Reino do Norte.
2. Por volta de 700 aC no Reino do Sul, a primeira redação.

3. Por volta de 620 aC pelos escribas do Rei Josias uma segunda redação. Nesta redação, várias perícopes, tais como 8,1.5-6.11-14 (que fazem parte deste estudo), foram redigidas, pois favoreceria o projeto deuteronômista de centralização socioeconômica, política e religiosa do Rei.
4. Uma redação exílica e pós-exílica.

O texto como um todo mantém sempre uma linguagem típica de um processo judicial, ora contra a esposa infiel, ora contra Israel – em especial contra seus sacerdotes e dirigentes –, e de denúncia da idolatria. A idolatria, entretanto, tem um viés político, como veremos adiante. O conceito de idolatria é um conceito soteriológico e da visão da história. Nossa perícopa permite analisar claramente tais questões e, também, atualizar esses conceitos posteriormente para a leitura de nossa realidade.

Segundo Schökel, a mensagem de Oseias em muito coincide com Amós. São temas de Oseias, assim como de Amós, a denúncia de injustiça, de corrupção, de violência. A idolatria é firmemente denunciada, e em seus vários aspectos: no culto e na política.

Oseias, entretanto, não apenas vocifera condenação, crítica, castigo. Assim como Oseias em sua relação afetivo-matrimonial, revela também paciência, amor desmedido, misericórdia e perdão infinito. Deus, em seu amor e sua verdadeira face, acolhe sempre de novo Israel, ainda que não mostre evidências de arrependimento.

É, pois, esta a força teológica do texto: ainda que desvele e denuncie o culto desviante do verdadeiro Deus, a prática detestável de injustiça, o esmagar do direito e o uso de violência, é no amor gratuito de Deus que finca sua fé e sua pregação.

Não se trata, por conseguinte, de pregar, apenas, uma doutrina ou reafirmar princípios de fé, mas uma *experiência* que vem da pura *vivência* da *Graça de Deus*.

E anuncia em 14,5: “eu vou curar sua apostasia, vou amá-los de todo coração, pois minha ira se apartou deles”, e ainda em 14, 9: “Efraim, que tenho eu ainda a ver com os ídolos? Sou eu que tenho uma resposta e olho para você. Sou como cipreste frondoso: o fruto de você é de mim que ele nasce”.

### Tradução harmonizada

<sup>1</sup> Ponha a trombeta na boca! É como uma águia sobre a casa de Iahweh! Porque transgrediram minha Aliança, e contra a Toráh se rebelaram.

<sup>2</sup> Eles gritam a mim: “Meu Deus, (nós), Israel, te conhecemos”.

<sup>3</sup> Rejeitou Israel o bem, o inimigo o perseguirá.

<sup>4</sup> Eles nomeiam reis, sem minha autoridade (sem meu consentimento), constituíram príncipes, mas sem meu conhecimento. De prata e ouro fazem para si ídolos para a destruição.

<sup>5</sup> Rejeita o bezerro Samaria! Queima minha face contra eles! Até quando não serão capazes de pureza (inocência)?

<sup>6</sup> Eis que ele é de Israel, um artífice o fez e não Deus. Ele, em estilhaços se tornará, o bezerro da Samaria.

<sup>7</sup> Eis que vento semeiam, tempestade colherão. Grãos não há para espiga, nem produzirá farinha. Se fizer, estrangeiros engolirão.

<sup>8</sup> Engolido (consumido) ficou Israel entre as nações, como um objeto sem valor ficou.

<sup>9</sup> Pois eles foram (subiram) a Assíria, e Efraim, como jumento selvagem solitário, contratou amantes para si.

<sup>10</sup> Ainda que os contrate entre as nações, agora os reunirei. E eles se angustiarão sob opressão do rei dos príncipes.

<sup>11</sup> Pois multiplicou Efraim altares para pecar, para pecar eles foram construídos.

<sup>12</sup> Ainda que muito tenha escrito em minha Torá (Lei, ensinamento), como estranho foi considerado.

<sup>13</sup> Sacrifícios me oferecem de carne e a comem. Iahweh não se agrada disso. Agora se lembrará de sua iniquidade e castigará os seus pecados, ao Egito voltarão.

<sup>14</sup> E esqueceu Israel do criador e construiu palácios. E Judá multiplicou as cidades fortificadas. Mas mandarei fogo nas cidades e devorarei suas fortalezas.

## Estrutura

Inicialmente, vamos verificar algumas propostas feitas por exegetas de forma a tentar entender quais as possibilidades de articulação do teor desta perícopie.

Para Schökel e Sicre Diaz, o texto como um todo pode ser entendido como uma “unidade distribuída em duas seções: 1-6 e 7-14. O começo atinge todo o capítulo e continua o tema anterior: a infidelidade (...)” (2002, p. 926). A Aliança fora rompida, aquela feita por ocasião da libertação do Egito foi quebrada, a idolatria reina, a segurança é não posta nas mãos do Senhor, mas de alianças político-militares.

Para Ausin, a perícopie se divide em duas partes. A primeira parte consiste na denúncia, do versículo 1 ao 7, enquanto nos versículos seguintes, do 8 ao 14, está descrita a condenação.

Schökel, todavia, divide de forma diversa a sua estruturação, pois a primeira unidade seria composta do versículo 1 ao 6, que versaria sobre a violação da aliança e faz a exigência de reconhecer a Iahweh como Deus exclusivo e soberano de Israel. A segunda parte do texto seria composta a partir do versículo 7 e terminaria no 14. A infidelidade permanece, mas ganha ares político-militares, servindo de denúncia das alianças com potências, rejeição da Lei e retrocesso na história.

McCarthy e Murphy, ao analisarem a estrutura do livro de Oseias, consideram que o capítulo 8 aponta os pecados na política e no culto. Assim, teríamos uma divisão exegética a partir desta dicotomia de temas. Os versículos iniciais de 1 a 6 falam da violação da aliança, uma crítica ligada diretamente ao culto. Daí em diante, a infidelidade se faz mais marcante, a deslealdade ao Senhor soberano se mostra em sua concretude ao Israel: fazer alianças com outras potências, confiar a segurança nacional a defesas militares, renegar a lei e confiar num culto pervertido. O aliado oprime com tributos (v. 11), o culto não é aceito (v. 13), as fortalezas são devoradas. A volta ao Egito é anunciada. A história parece retroceder, o antiêxodo se estabelece; onde haverá a salvação anunciada na Aliança e prometida pela eternidade?

Optamos por uma divisão simples, tendo como guia a mesma ideia de Murphy e McCarthy de que a perícopes está dividida em duas partes, a primeira do seu princípio até o versículo 7 e a segunda do 8 até 14. A primeira parte corresponde à denúncia da infidelidade do povo de Israel, em especial do culto idolátrico, com suas consequências, inclusive com seu olhar crítico à monarquia. Já a segunda parte, ainda que siga versando sobre a infidelidade, trata das consequências para as relações sociopolíticas e suas implicações até mesmo para a história da salvação.

### **Comentário do texto**

O texto começa com o toque do *chofar* – trombeta. O *Dicionário Internacional de Teologia AT* nos relata que as trombetas eram usadas com vários propósitos. Eram utilizadas para convocar as tribos ou seus líderes, para indicar que era hora de levantar acampamento (Nm 10,24). Eram ainda usadas com objetivos militares, mas em tempos de guerra o sacerdote as usava também para evocar uma resposta do Senhor. Em Os 5,8 o toque do *chofar* foi usado para indicar a aproximação do inimigo. É mister fazer aqui uma diferenciação entre trombeta e *chofar*. Aquela era feita de prata batida (Nm 10,2) e usada principalmente para fins militares, enquanto o *chofar* era confeccionado com o chifre de carneiro.

A trombeta era utilizada para dar o sinal do início do combate (Os 5,8) e acompanhar o grito de guerra (...), assim como também era utilizada pelos sacerdotes filhos de Aarão para convocar uma assembleia ou acompanhar holocaustos (DEB, 2014, p. 1330).

O texto sugere, assim, que se anuncia uma batalha na qual “a desgraça mergulha como águia sobre a casa de Iahweh”. Casa de Iahweh que pode apontar para a nação ou mesmo para o Templo, enquanto a águia sugere a presença da Assíria, que tem este símbolo.

O texto é também um chamado especial à conversão. Parece antever a guerra que se avizinha e a destruição que está por vir. E aponta o motivo: Porque ‘eles’ quebraram a Aliança, rejeitaram a Lei.

Aliança que remete a um pacto, ao compromisso de fidelidade exclusiva a Iahweh (Bauer, 2004, p. 4). É uma Aliança especial com Iahweh, que gera um compromisso de fidelidade e submissão. Pela Aliança Israel torna-se propriedade exclusiva de Iahweh, a quem unicamente deve adorar. O cerimonial da aliança incluía também uma refeição. Refeição, ato diário fundamental para o viver cotidiano, condição de sobrevivência, mergulho corporal na existência. E como oferta sacrificial implica uma oferta simbólica e real do substrato da vida e do ser. Por analogia, então, fazer Aliança significa estar a comê-la, degustá-la, saboreá-la como substrato essencial para a manutenção da vida. O relacionamento entre homem e mulher como aliança matrimonial representando a força e forma do amor é conceito básico de Deus, invocado de forma inovadora nas Escrituras por Oseias.

A Torá é a lei que rege as relações entre os homens e entre estes e seu Deus. Esta relação não se dá apenas pelo culto, mas no agir, que modela sua vida e o mundo de acordo com a vontade de Deus. “Motivado pelo amor, Ele revela ao homem a compreensão básica de como viver uns com os outros e como se aproximar de Deus” (Harris, Archer Jr. e colaboradores, 2008, p. 910).

Crüsemann diz que:

A palavra abrange informação e orientação, instrução e estabelecimento de normas, e, com isso, também a promessa e desafio. Expressa igualmente o mandamento e a história da instrução, da qual emerge. (...). No Deuteronômio, por fim, Torá transforma-se no conceito mais importante da vontade de Deus universal e literariamente fixada. Aqui Torá abrange tanto narrações quanto leis (Crüsemann, 2012, p. 12).

Abrange, pois, a unidade da palavra e da vontade de Deus.

Ainda que tenha sido dada a um povo pela aliança, ela foi dada, também, a toda humanidade. Crüsemann afirma categoricamente que “existem na Torá princípios para uma ética autônoma, não somente circunstancial, mas uma ética bíblicamente fundamentada” (Crüsemann, 2012, p. 17). O conceito de Torá, entretanto, como Lei, é tardio. Como é possível, então, estar aqui uma terminologia de tal naipe?

Para Römer, a estruturação do livro de Oseias foi sendo construída em camadas, pelos percalços e caminhos trilhados. Para ele, o autor do núcleo central

do livro – que ele defende ser entre os capítulos 4 e 9 – “se inspira em Amós 7–9 e em Isaías 7–8 e deve ser situado por volta dos séculos VII e VI aC” (Römer, 2010, p. 477). Ocorre que ele entende ser possível que Oseias tenha conhecido com Amós uma redação judaica que permite uma leitura interpretativa de que a catástrofe acontecida no Norte era merecida. Para ele, “a destruição de Jerusalém provocou uma revisão total do livro no século VI aC. Os cataclismos anunciados em Oseias são reinterpretados em função dos acontecimentos de 597/587” (Römer, 2010, p. 478). Segundo o mesmo autor, no início do período persa, houve uma redação escatológica, que “acrescentou textos que falam de reunião e da volta de Israel”. Pode ter havido numerosos acréscimos, por conta da edição final da redação dos XII Profetas (Römer, 2010, p. 478).

Ausin concorda em ver o texto se consolidando em camadas e que o núcleo central é a reflexão sobre a crise siro-efraimita. Admite, também, que, na época de Ezequias e das redações deuteronomistas, houve novas revisões. Tais camadas teriam ainda a influência dos israelitas do Norte, que se refugiaram em Judá (722-721 aC).

Más tarde, en la primera redacción deuteronomista las denuncias de los delitos morales, sociales e idolátricos se modificarían para explicarlos como reproches culturales, y la caída de Samaria se explicaría como castigo por la corrupción del culto (Os 10) (Ausin, 2007, p. 473).

Consideram, portanto, que a Torá é um conceito específico – ensinamento e orientação do Senhor para o bem-viver – mas abrangente, que irá se constituindo na história e que vai se consolidar como a Lei, no Pentateuco no período pós-exílico. A propósito, ainda hoje a tradição judaica entende que o Midrax e outros ensinamentos rabínicos são a extensão e a apropriação para os dias hodiernos da própria Torá.

Eles quebraram a Aliança, rejeitaram a Lei. A crítica é geral, genérica, válida para todos. Mas a resposta vem: Nós te conhecemos! Trata-se de um grito de protesto a Iahweh, alegando sua inocência. Deus, todavia, vê suas obras, seu agir, e o profeta segue firme em sua denúncia e condenação. Os grandes de Israel (cf. Jr 5,4-5) romperam os laços da Aliança, praticando a injustiça e a idolatria.

Conhecimento em Oseias (*da 'at 'Elohim*) é mais do que um simples conhecimento racional, como se pode ver abaixo.

É especialmente proeminente em Oseias (4,1.6; 6,6). O conhecimento de Deus deriva daqueles destacados acontecimentos históricos em que Deus deu provas de si mesmo e revelou-se a indivíduos escolhidos, tais como Abraão e Moisés. Essas revelações devem ser ensinadas a outros. ‘Conhecimento de Deus’ aparece em paralelo com ‘temor do Senhor’ como descrição da religião verdadeira. Aquele que tem uma relação correta com Deus confessa-o e obedece-lhe. Exercitar o juízo e a justiça e julgar a causa do

pobre e do necessitado são conhecer a Deus (Jr 22,15-16). Por outro lado, onde não há nenhum conhecimento de Deus, existe o perjúrio, a mentira, o homicídio, o roubo, o adultério e a quebra de todos os limites (Os 4,1-2). Isso trará destruição para o povo (DIT, 1998, p. 848).

A afirmativa, entretanto, é cabal e definitiva: Israel roubou o bem, o inimigo a ele perseguirá. E, haja vista a presença solene do *chofar*, já lhe bate às portas! O termo rejeitar (*zebah*) tem o significado corrente de rejeitar, repudiar, jogar fora. Tem, além disso, a significação de fornicção, prostituição, relação sexual ilícita.

Nomeiam reis e príncipes, mas Iahweh não os conhece. Quem, porém, são estes que nomeiam reis e príncipes?

El v. 4 precisa en que consiste la transgresión, rechazo y rebelión mencionados en los v. 1-3. El misterioso ‘ellos’, sujeto de los verbos ‘constituir reyes / autoridades’, retomado por la preposición con sufijo personal *lahem* (para sí, para ellos mismos, se) difícilmente puede referirse a la totalidad del Pueblo, sino a un grupo dirigente que dispone del poder necesario para llevar a término esa acción.

Los únicos dos grupos que entran en consideración son – valgan las categorías anacrónicas – el alto clero y la nobleza militar. Obviamente, la constitución de autoridades en la sociedad arcaica, antigua o contemporánea, no es función del Pueblo, que no tiene los medios de expresarse adecuadamente” (Simian-Yofre, 1993, p. 115).

O povo está perdido, desorientado. Aqueles que o deveriam orientar, guiar pelos caminhos da vida, juntam prata e ouro e fazem para si ídolos/bezerros para a perdição. Afrontam duplamente a Lei divina, pois fabricam ídolos/imagens e as transformam num Baal.

A falsidade é evidente. Israel rejeita com a vida a Torá, mas sua boca segue dizendo conhecer e amar ao Senhor.

Entronizar reis e idolatria está unido, especificamente a construção do “bezerro de ouro”, que aponta para o rompimento original de Israel com o Reino de Davi, pois Jeroboão I fundou santuários com bezerros quando ele se separou de Judá (1Rs 12,26-31) (McCarthy, 2007, p. 465).

E ainda:

O que levou o profeta a intervir (Os 4,12.17; 8,4-6; 13,2) não foi apenas isso, mas sobretudo, como já dissemos, a infidelidade em geral, a violação do primeiro mandamento e também do segundo. A questão, portanto, foi que Israel se sentia bem gozando os benefícios da cultura da terra, mas acreditando que devia essas bênçãos a Baal. Israel ‘não sabe eu é que dei (a ela) o cereal, o mosto e o azeite, e prodigamente derramei sobre ela prata e ouro’ (Os 2,10). Nesta frase impressionante, Javé aparece como doador

de todos os valores culturais. Israel, porém, interpretou mal o doador e os dons. Não percebeu que estes dons o colocavam num *status confessionalis* diante de Javé. Ao contrário, descambou para uma idolatria mítica da cultura da terra e das suas origens numinosas e emanadas daquele chão (Von Rad, 2006, p. 571).

E a prata e o ouro significam, objetivamente, que havia um excedente da produção popular sendo expropriada, certamente, resultado de opressão e exploração. O bezerro de ouro, portanto, manifesta até mesmo em sua estética a exploração popular. Nada que já não tenha sido dito em 1Sm 8.

A face (narina, face, ira) de Deus está, portanto, demonstrando que o seu amor foi ofendido pelo agir ilícito. São incapazes de inocência. Termo que denota estar limpo, sem manchas. Mas, segundo o *Dicionário Internacional de Teologia*, é também usado no *piel* como sinônimo de *şedakah* – justiça, o que lhe amplia o sentido e mostra sua força semântica.

Ocorre que essas imagens não foram concebidas primitivamente como representações de Iahweh por Jeroboão I, pois não era identificado com Deus, apenas incorpora seus atributos. O bezerro era para o altar sustentar o trono ou servir de pedestal a Iahweh, tal como no Templo em Jerusalém, onde a arca e os querubins tinham a mesma função. Mas o touro era usado no culto ao Deus cananeu. A aliança com Deus era, e tinha de ser, indissolúvel.

Entendemos que a denúncia acontece nos últimos anos de Israel Norte, pouco antes da invasão assíria em 722 aC, mas o culto em Samaria é certamente bem mais antigo, pelo menos já desde os tempos de Jeroboão II (788-747). A denúncia, no entanto, é procedente do Sul, Judá. O Deus que fala aqui, ou em cuja boca são colocadas as palavras, é o Javé de Jerusalém. O destinatário é bem evidente: o touro jovem de Samaria. O substantivo é mencionado duas vezes e duas vezes se repete o pronome “ele”. De maneira que não há como negar a existência do culto a uma divindade na forma de um touro jovem também na capital Samaria. Portanto, a denúncia é contra o Deus nacional de Israel, que é Javé, cultuado na forma de um touro jovem. Também aqui, como nos textos anteriores, a reprimenda a esse culto é muito forte: “Ele não é um Deus e será feito em pedaços”. Parece haver muita ira na denúncia, o que leva a pensar na concorrência já assinalada anteriormente entre o santuário de Jerusalém e os santuários de Samaria e Betel. A situação se assemelha muito com o que fizeram os reis Ezequias e Josias de Judá ao destruírem os santuários do Norte de um modo muito violento (2Rs 18,1-8; 22-23).

Em sintonia com Os 6,4-7 está Os 13,2, onde também há uma forte reprimenda ao culto à divindade na forma do touro jovem: “E agora aumentaram a pecar e fizeram para eles uma imagem de sua prata segundo seu entendimento. São ídolos, tudo obra de artesãos. Deles eles dizem: homens

que sacrificam e beijam os touros jovens (*'egeley'*). A denúncia aqui inclui também a maneira de prestar o culto: “homens que sacrificam e beijam os touros jovens”. Ritual semelhante parece ser feito a Baal em 2Rs 19,18 (Kaefer, 2015, texto distribuído).

Parece que agora, a partir do v. 7, há uma ligeira mudança no curso da reflexão. Já se torna mais social e política, mostrando que a infidelidade à Torá e aos mandamentos leva a sociedade à desgraça e ao sofrimento.

A idolatria e o ídolo forjado de nada valem. A obra humana, apenas humana, é como vento, não produz nada de bom nem fertilidade. Os estrangeiros colherão os frutos produzidos. A força militar ou a submissão aos impérios trarão tributação extorsiva e nada sobrarão. Não há como fugir do vaticínio.

No meio das nações (trecho possivelmente delineado após o ano de 722 aC, ou tendo já antevisto a destruição iminente de que a Samaria será vítima), Israel nada conta, e menos ainda sua Lei e seus valores. Estão (estarão) submetidos ao peso do império. A aliança com os impérios, aqui apontando a Assíria, de nada serve. A confiança deve estar aos pés do Senhor. A Nova Bíblia Pastoral, à página 1116, na nota de rodapé, aponta:

O versículo 8 refere-se às deportações de grande número dos habitantes, cujos territórios estão em grande parte nas mãos de estrangeiros. O versículo 9 alude à decisão do rei Oseias de submeter-se a Teglat-Falasar III, pagando importante tributo, cujo resultado será por pouco tempo (v. 10).

O culto prestado em nada valia, pois resultou em transformar Iahweh – o Deus que libertou o povo da escravidão do Egito – em um deus que se faz escravo de ofertas e sacrifícios, pois seriam estes que condicionariam o fazer de Deus. Há, portanto, uma inversão de valor e até mesmo da iniciativa divina.

O mandamento “Não terá outros deuses além de mim” foi fraudado, rompido, transformado em fetiche para fins espúrios e materiais. Os altares multiplicados são pecaminosos, porque encobrem o agir perverso, a idolatria, o descumprimento da Lei de Deus. Feitos que são para honrar ídolos, nada valem, pois são inertes, inoperantes e serão despedaçados.

A nossa vida, nosso poder e vitalidade não podem estar baseados em coisas humanas, porque ela não se sustenta, torna-se vazia e sem sustentação.

Israel esqueceu-se de quem o fez, do que viveu em sua história de libertação. Construiu palácios, imitando monarquias e impérios estrangeiros. São estes que constroem cidades, fortalezas e palácios. Israel corrompeu-se. Iahweh castigará por conta de seus pecados. Ele os mandará de volta para o Egito! A história da salvação é anulada. A ‘escravidão’ torna-se a realidade, porque Israel esqueceu-se de Iahweh e de sua aliança.

## Atualização

Dois traços importantes presentes no texto consideramos de vitalidade ímpar para os nossos dias. Temos a dimensão cultural idolátrica da ‘religião professada’, assim como a dimensão sociopolítica que dela resulta, em nossa sociedade pretensamente democrática, mas injusta, opressiva, excludente e desigual.

Nós cristãos, entendemos que somos seguidores da Aliança com Iahweh – o Deus libertador da escravidão – e também recebemos a Lei – Torá. A lei, fruto de uma tradição construída e vivida coletivamente, ao longo da história, na realidade concreta de um pequeno reino, por sua localização geográfica especial, fez dele estratégico do ponto de vista militar, comercial e econômico.

Esta lei, como ensino e instrução, foi aperfeiçoada por Cristo Jesus, que viveu o amor como centro de sua existência. Um amor não abstrato ou ‘espiritual’, mas se objetiva no encontro de pessoas, faces, olhares e sofrimentos enfrentados no seu caminho. A força de seu testemunho era mostrar a face amorosa do Pai, realizando a sua vontade. Isso está bem claro no Evangelho de João, onde se atesta que se vê o Pai no Filho. Esse amor, assim como acima falamos da Lei, expressa uma construção ética necessária, que inclui a justiça, o direito e a caridade/amor. Israel, contudo, teceu uma relação cultural e religiosa com Deus, na qual as ofertas e sacrifícios garantiriam a pureza, bens, conquistas e vitórias. Em Oseias, Israel identifica os bens recebidos com o culto devido a Baal, embora Iahweh os tenha dado (Os 2,10). Nesse culto utilizava objetos de ouro e prata, fruto da opressão e sofrimento dos pobres. Deus rejeita tal culto e despreza o discurso de quem alega conhecer a Deus, mas pratica a iniquidade.

Desprezo que se estende à astuta pretensão de confiar apenas em suas estratégias e alianças forjadas com os poderosos (Assíria), para perpetuar seus privilégios. Iahweh, contudo, exige fidelidade e a plena confiança em seu convívio e vontade.

Hoje vemos crescer um culto que se funda na prosperidade como referencial para o viver religioso. É a vida próspera que ‘atestaria’ que a religião é verdadeira. Tudo de errado na vida é atribuído ao mal e ao demônio, que são esconjurados por mais e mais ofertas, sacrifícios e ‘campanhas’. Grave é que este olhar implica não perceber os limites na vida humana, o sofrimento e o fracasso como parte da existência humana. A primeira é de uma vida fundada em relações norteadas pelo dinheiro, prosperidade contínua e ilimitada; afinal Deus tudo pode e está ao alcance de seu bolso. A relação com Deus torna-se, assim, refém de nossos desejos, dores e necessidades. Assim, Deus haverá de se moldar a ti para cumprir tuas vontades. Um deus preso a ‘contratos comerciais’, intermediados por pessoas especiais e cheias de ‘dom’. Nada mais idolátrico.

Ora, este desejo humano, egoísta e individualista, cresce de desejo em desejo, conforme o mercado vai exigindo, de acordo com seus interesses. O capi-

tal determina os passos da vida, o livre-mercado constrói as relações humanas, comerciais, institucionais e até religiosas. Não há a menor possibilidade de pôr nosso viver, nossas articulações e nossa fé em Deus. Não temos tempo para o mergulho consciente na leitura e reflexão sobre sua palavra. Palavra presente nos Escritos canônicos, mas que segue viva e pujante, clamando nos rostos dos homens e mulheres, em especial nos mais fracos, sofridos e explorados.

Amós (5,21-22.24) nos ajuda: “Eu detesto e desprezo as festas de vocês. Tenho horror dessas reuniões. Ainda que vocês me ofereçam sacrifícios, suas ofertas não me agradarão, nem olharei para as oferendas gordas. (...) Eu quero, isso sim, é ver brotar o direito como água e correr a justiça como torrente que não seca”.

Como diz Feuerbach, citado por Trasferetti (1999, p. 11): “Conta-me acerca de teu Deus e eu te direi quem és”.

*Paulo Portellada*

Av. Bispo Cesar Dacorso Filho, 691  
São Bernardo do Campo, SP  
CEP 09624-000

## **Bibliografia**

AUSIN, Santiago. In *Comentário Bíblico Latinoamericano*. Antigo Testamento, volume II. Direção de Armando J. Levoratti. Estella, Espanha: Editorial Verbo Divino.

BEREZIN, Rifka. *Dicionário hebraico-português*. São Paulo: EDUSP, 2003.

CRÜSEMANN, Frank. *A Torá – Teologia e História social da lei do Antigo Testamento*. 4 edição. Petrópolis: Vozes, 2012.

DE VAUX, Roland. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Tradução Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2004.

DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DA BÍBLIA. Direção do Centro Informática e Bíblia Abadia de Maredsous. Tradução Ary E. Pintarelli e Orlando A. Bernardi. São Paulo: Loyola, Paulinas, Paulus, Academia Cristã, 2013.

HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. Tradução Marcio Loureiro Redondo, Luiz A.T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 2008.

FOHRER, Georg. *História da Religião de Israel*. Tradução Josué Xavier. Santo André, SP: Academia Cristã; Paulus, 2012.

JENNI, Ernest; WESTERMANN, Claus. *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*. Vol. I e II. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1985.

LA BIBLIA – Formadores, Latinoamerica. Sociedade Bíblica Católica Internacional (SOBICAIN). Estella, Espanha: Verbo Divino, 2005.

McCARTHY, Dennis J.; MURPHY, Roland E. In *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo – Antigo Testamento*. Tradução de Celso Eronides Fernandes. São Paulo: Paulus, Academia Cristã, 2007.

RÖMER, Thomas; MACHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe, organizadores. *Antigo Testamento – história, escritura e teologia*. Tradução Gilmar Saint Clair Ribeiro. São Paulo: Loyola, 2010.

SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. Tradução: Annemarie Hohn I. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

SCHÖKEL, Luis Alonso. *Bíblia do Peregrino*. Tradução por Ivo Storniolo e José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2006.

\_\_\_\_\_. Dicionário bíblico hebraico-português. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 1997.

SCHÖKEL, Luis Alonso; SICRE DIAZ, J.L. *Profetas I*. Tradução Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulus, 2004.

\_\_\_\_\_. *Profetas II*. São Paulo: Paulus, 2002.

VON RAD, G. *Teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Francisco Catão. São Paulo: ASTE; Targumim, 2006.

WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. Tradução de Antonio Steffen. São Paulo: Editora Hagnos, 2008.

WOLFF, H. Walter. *Oseas hoy – las bodas de la ramera*. Salamanca, Espanha: Ediciones Sígueme, 1984.